

Comentário da Obra de Guimarães Rosa

Dr^a. Lile Leal de Almeida Ramos

João Guimarães Rosa, médico por formação, deixou a medicina por julgar que ela pouco podia fazer para aliviar o sofrimento humano. Seu maior serviço foi humanitário na Alemanha, em Hamburgo, quando representante diplomático do Brasil, salvou inúmeros Judeus da perseguição nazista.

Conhecedor de 13 idiomas, criou um 14º, “a linguagem roseana”, de estilo personalíssimo, ele que dizia ter horror ao lugar comum, às coisas de uma forma já ditas, já contadas e ouvidas.

Sua linguagem, à primeira vista, assusta pelo ineditismo, mas por fim cativa, encanta, emociona e deslumbra. Pura magia! Coisa de gênio, única categoria em que se pode enquadrá-lo.

Mesmo sua prosa era pura poesia. Dizia: “porque não tentar trabalhar a língua também no estado gasoso?” Melhor diria se ao invés de “trabalhar”, usasse “brincar”.

Tinha uma visão aguda, penetrante e rara sensibilidade, não sei se de profeta ou de vidente, para desnudar e revelar o mais íntimo e profundo da alma das gentes, dos bichos, das árvores e flores, rios e cachoeiras, e dos buritis das veredas.

“Buriti, minha palmeira,

Lá vereda de lá.

Carinha da banda esquerda,

Olhos de onda do mar”. (Pág. 42; Grande Sertão Veredas)

Amava os bois e as boiadas e parecia que até falava com eles: “...urro de boi sempre alegria faz...”

O sertão e sua gente aparentemente pobre e sem graça, ele, em sua obra, transfigurou e encantou, elevando-os à categoria de: “Patrimônio da Humanidade”.

O sertanejo, seu “habitat”, a gente rude, primitiva e sofrida do sertão foram o seu tema principal, motivo regional, que ele universalizou. Tudo em sua obra, cada frase, cada som ou pontuação, cada palavra inventada ou reinventada encerra uma rica simbologia, um significado profundo poético e alegórico. Não era ele quem dizia: “Graças a Deus tudo é mistério?” (pág. 75).

Tratou de jagunços, fazendeiros de inúmeros latifúndios, coronéis poderosos envolvidos na política, protegidos por seus capangas, num sertão sem lei, onde a lei era a do mais forte.

De outros temas também tratou com maestria, como as crianças em “O menino do conto”, “As margens da alegria” e o cativante “Miguilim”, sensível e emocionante. Sua alma e seu coração infantil, tão sofridos, souberam captar maravilhosamente seus personagens deixando-os imortalizados em seus contos.

E a demência? Terra recorrente: “...Soroco, sua mãe e sua filha. Ambas loucas sendo levadas para um lugar chamado Barbacena, bem longe”. “...para os pobres os lugares são mais longe”.

“Tarantão, meu patrão zureta, encostado em maluca velhice”, protagonista de aventuras divertidíssimas, que alguns remetem à semelhança com Dom Quixote.

Em “A Terceira Margem do Rio” é o filho que conta: “Nosso pai entrou na canoa e desamarrou pelos remos. E a canoa saiu-se indo. Nosso pai não voltou... Sempre dentro da canoa, para dela não saltar nunca mais. – Sou doido? Ninguém é doido, ou então todos”.

Por fim, a obra que o consagrou definitivamente e o colocou no mesmo patamar de todos os grandes gênios da literatura universal foi: “O Grande Sertão: Veredas”. É sua obra-prima. Uma epopeia onde são apresentados com a mesma poesia e talento excepcionais, as questões transcendentais e inquietantes do homem e da condição humana, com toda riqueza e magia do estilo roseano, que a tudo dá mais força, vigor e colorido. Uma linguagem que diz mais, uma linguagem que diz tudo, até o inefável.

Tudo se passa no sertão. “O sertão que está em toda parte. Sertão, estes seus vazios”. – E ainda: “Para os de Corinto e de Curvelo, então, o aqui não é dito sertão?”

São jagunços em guerra. A violência, o ódio, a traição, vingança, o bem e o mal, Deus e o Diabo e principalmente o “amor”, o amor impossível, o amor proibido.

- “O Demo existe? Não glosa. Nestes dias de época, tem gente porfalando que o diabo próprio parou, de passagem, no Andrequicé... – Eu pessoalmente quase já perdi nele a crença, mercês a Deus... Não acreditei patavim...”

Explico ao senhor: “O Diabo vive dentro do homem, os crespos do homem...”

“Com Deus existindo, tudo dá esperança... Deus é paciência... É e não é. O Senhor ache e não ache, tudo é e não é...”

É uma “travessia”: dor e alegria, dúvidas, indagações, vida e morte, guerra e paz, ódio, vingança. E o amor, o grande amor impossível. E todo um desfilar de criaturas bizarras, estranhas, miseráveis e toda uma situação de dor, miséria, crime remorso, às vezes, raramente, paz, tranquilidade.

Mas durante a “travessia”, Guimarães Rosa nos brinda com descrições primorosas e poéticas da natureza, onde se desenrola o pungente drama humano da sua obra. Como é doce ler ou escutar: os altos claros das almas; rio despenca de lá, num afã, espuma, próspero, grunge, cada cachoeira “só tombos”.

“E o cio da tigre preta na Serra do Tatu...”

“Cheiro de campos com flores, forte em abril; a ciganinha roxa e nheica e a escovinha amarela...”

“Cigarras dão bando”.

“Depois dali tem uma terra quase azul”.

“Um punhado quente de vento, passante entre duas palmas de palmeiras”.

Tanta Serra esconde a lua”.

“Buriti, belim beleza”.

“o que é o passarim mais bonito e engraçadinho de rio abaixo e rio acima: - o que se chama Manuelzinho da Crôa”.

“Ah! Meu urucuia as águas dele são claras certas”.

E é o Riobaldo, o jagunço quem diz: - quem me ensinou a apreciar essas belezas seu dono, foi Diadorim”.

“ Diadorim e eu, nós dois. A gente dava passeios. De nós dois juntos ninguém nada não falava. Dissesse um, caçoasse, digo: - podia morrer”.

“Mas olhos verses sendo os de Diadorim, meu amor de prata, me amor de ouro...”

“Riobaldo, guerreiro, valente e viril, “o tartarana, lagarta de fogo” de tiro certo, “dono de qualquer ramo de fogo””.

“Aquele lugar, o ar primeiro fiquei sabendo que gostava de Diadorim – de amor mesmo amor, mal encoberto de amizade”.

“Diadorim meu amor”!

“Amor proibido! Vergonha”!

E o desespero, a perplexidade do jagunço macho, atormentado Riobaldo: “Se é o que é”...Eu pensei... “ Eu estou meio perdido”...acertei minha ideia, “eu não podia admitir o extrato daquilo”...- “se não, perdesse não, ah, mas eu não devia de quebrar o morro: acabar comigo! – com uma bala no lado da minha cabeça, eu num átimo punha barra em tudo”.

E a narrativa prossegue, genial, grandiosa, envolvente. Sempre a guerra e toda a dor que ela provoca.

Mas tudo tem um fim. E aqui no final dessa “travessia”, o inesperado, o surpreendente, eu diria até o absurdo nos deixam completamente pasmos. Admirados, tontos de surpresa, arrepiados de espanto, enlouquecidos de admiração e encantamento!

Valeu Guimarães Rosa!

Corintiana

Advogada

Professora de Literatura Brasileira